

T DOSSIER

30 Teatrão



A PARTIR DE

Bertolt Brecht

TRADUÇÃO António Sousa Ribeiro

DRAMATURGIA Jorge Louraço Figueira e Marco Antonio Rodrigues

ENCENAÇÃO Marco Antonio Rodrigues



Ti Coragem & Filhos Lda., parte de *Mãe Coragem e os Seus Filhos*, uma das obras mais emblemáticas de Bertolt Brecht. Para este espetáculo, voltámos a juntar a equipa que nos últimos anos tem criado dramaturgias originais ou visitado e adaptado textos de Shakespeare, Tchekhov ou do próprio Brecht. Com uma nova dramaturgia desenvolvida por Jorge Louraço Figueira a partir da tradução de António Sousa Ribeiro, Marco Antonio Rodrigues encena *Ti Coragem & Filhos Lda.*, que inclui música ao vivo com a direção musical de Victor Torpedo (The Parkinsons, Tédio Boys, Subway Riders, entre outros). A todos eles junta-se uma equipa de atores e profissionais do Teatrão que em conjunto se desafiaram a pensar e trabalhar a contemporaneidade à luz desta peça de Bertolt Brecht.

Em Portugal, *Mãe Coragem e os Seus Filhos* tem sido apresentada ao longo de várias ocasiões em solo português por companhias como Novo Grupo / Teatro Aberto (1986) com Eunice Muñoz, CTA – Companhia de Teatro de Almada (2000) ou Companhia João Garcia Miguel (2011). Em 2023, o Teatrão chega-se à frente para adaptar este texto e, assim, nasce *Ti Coragem & Filhos Lda.*,



Encenação

A MÃE CORAGEM

Teatro de Guerra

Em 1945, dois meses depois da explosão da bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki, George Orwell publica:

É lugar-comum que a história da civilização é, em grande parte, a história das armas. Em particular, a conexão entre a descoberta da pólvora e a derrubada do feudalismo pela burguesia tem sido apontada repetidas vezes. E, embora eu não tenha dúvidas, podem ser apresentadas exceções, acho que a regra a seguir seria, geralmente, considerada verdadeira: as eras em que a arma dominante é cara, ou difícil de ser feita, tenderão a ser eras de despotismo, enquanto, quando a arma dominante é barata e simples, as pessoas comuns têm uma chance. Assim, por exemplo, tanques, encouraçados e aviões de bombardeio são armas inherentemente tirânicas, enquanto rifles, mosquetes, arcos longos e granadas de mão são armas inherentemente democráticas. Uma arma complexa torna o forte mais forte, enquanto uma arma simples — desde que não haja resposta para ela — dá garras aos fracos.

A grande era da democracia, e da auto-determinação nacional, foi o tempo do mosquete e do fuzil. Depois da invenção do mecanismo de ignição de pederneira, e antes do invento das cápsulas de percussão, o mosquete era uma arma bastante eficiente, e ao mesmo tempo tão simples que poderia ser produzido em quase qualquer lugar. Essa combinação de qualidades tornou possível o sucesso das revoluções americanas e francesas, e fez da insurreição popular um negócio mais sério do que poderia ser em nossos dias atuais. Depois do mosquete veio o rifle de carregamento pela culatra. Isso era algo relativamente complexo, mas poderia ainda ser produzido em vários países, e era barato, facilmente contrabandeado e econômico na munição. Mesmo as nações mais atrasadas poderiam sempre obter fuzis de uma ou outra fonte, de modo que os bôeres, búlgaros, abissínios, marroquinos — até tibetanos — puderam lutar

por sua independência, as vezes com sucesso. Mas, a partir daí, todo desenvolvimento em técnicas militares favoreceu o Estado contra o indivíduo, e o país industrializado contra o atrasado. Há cada vez menos focos de poder. Já, em 1939, havia apenas cinco países capazes de empreender uma guerra em grande escala, e agora há só três — em última análise, talvez, apenas dois. Essa tendência tem sido óbvia por anos, e foi apontada por alguns observadores antes mesmo de 1914. A única coisa que pode reverter isso é a descoberta de uma arma — ou, em outras palavras, de um método de luta — não dependente de uma enorme concentração de indústrias...







Em 1947, o comitê de diretores do Bulletin of the Atomic Scientists da Universidade de Chicago cria o Relógio do Juízo Final. É um dispositivo que faz uma analogia onde a humanidade estaria a minutos da sua extinção. Sobre o assunto, escreve S. J. Beard que é pesquisador do Centro de Estudos dos Riscos Existenciais da Universidade de Cambridge, no Reino Unido:

Por fim, podemos também considerar o aumento das tensões entre os governos e as empresas envolvidas no desenvolvimento da inteligência artificial e outras tecnologias problemáticas, além do recente fracasso das tentativas de elaborar um acordo sobre a proibição das armas letais autônomas.

Poderia ter sido feito outro ajuste do Relógio do Juízo Final para mais perto da meia-noite este ano? Isso certamente não me surpreenderia. Mas não devemos nos acomodar, pois ele já está muito perto do apocalipse.

A crise da covid-19 poderia ter servido para impulsionar os governos a unir-se em prol da nossa segurança, como ocorreu com a crise dos mísseis em Cuba, 60 anos atrás, mas não foi o caso. É difícil ver como as coisas poderão melhorar significativamente sem que ainda outras crises e desastres finalmente nos incentivem a agir.

Mas o que aprendemos com o Relógio do Juízo Final é que a nossa capacidade atual de lidar com essas crises provavelmente é a pior da história. O Relógio ainda está se movendo e, se não pudermos fazer seus ponteiros voltarem, as badaladas da meia-noite podem não estar distantes.



Bertolt Brecht escreve a sua *Mãe Coragem e seus Filhos* em 1939, seis anos antes do evento da bomba. Por conta do estado de guerra permanente que se encontra o planeta, o texto já se revelaria atual. Sua oportunidade, no entanto, se agrava perante o teatro de guerra da Europa hoje.

Coragem é o patronímico, Mãe é o nome. Brecht usa e abusa dos dois arquétipos para descalçar o absurdo da guerra para os mortais comuns, a cidadania de bem. Mãe Coragem até que é honesta: acredita sinceramente, sem tomar partido de um dos lados, que na guerra os empreendimentos dos pequenos comerciantes podem florescer e assim se dedica com afinco à venda e revenda de produtos e objetos industrializados necessários no dia a dia das populações e dos soldados dentro da zona de combate. Empurra, com ajuda de seus três filhos, sua loja ambulante com verdadeiro entusiasmo

provendo assim sua família. A guerra, para ela, trabalhadora precária como os cozinheiros, as prostitutas, os capelões que fazem parte do seu núcleo afetivo, é de alguma forma uma benção, já que viabiliza o ganha-pão possível.

Brecht utiliza-se da forma dramática para compor o seu desenho épico: Mãe Coragem seduz o espectador já à partida, por seus inúmeros atributos, seu bom humor, seu olhar perspicaz e objetivo, sua sensualidade. Assim, é comum acompanhamos sua derrocada com comoção genuína. Mas, Mãe Coragem, muito além de viver da guerra, se nutre e alimenta o conflito que traz sucesso a seu empreendimento comercial. Será literalmente bucha de canhão, já que seus três filhos pagarão com a vida a presença na guerra. Um preço a pagar.

A guerra atual e total, que tem como campo de batalha algum território da Europa lembra muito o conflito mundial de 1914-1918. Diferente da Segunda Grande Guerra que desaguou na Guerra Fria, onde lados ideológicos se opuseram durante décadas, o acontecimento atual pode ser resumido na luta entre grandes potências econômicas que se engalfinham na disputa de espaços econômicos e geopolíticos. Não há conflitos ideológicos envolvidos, “é a economia, estúpido!”. A diferença do conflito de 1914, onde as populações mergulhavam convictamente no conflito defendendo patrioticamente as cores do seu país e de sua bandeira, é a questão atômica. A guerra não pode ser decidida pelas populações, não há democracia, como dizia o Orwell: é o estado contra o indivíduo. A guerra não pode ser decidida pelos estados mais fracos, mesmo que se associem em Organizações e Comunidades. O campo de batalha é a Ucrânia, mas a guerra é entre as duas maiores potências atômicas.

Se não há possibilidade de vencedores e vencidos nesta guerra que já se arrasta e se agrava há anos, não há como ignorar a imagem da Europa no conflito, tentando apagar o incêndio com mais gasolina. Mãe Coragem alienada e enlouquecida emprenhando seu

patrimônio cultural e espiritual construído a duras penas, suas filhas e filhos paridos sempre em esforço renovado num combate em que não poderia. Se não há vencido, os perdedores já cá estão.

A batalha campal ora encenada, traz no século XXI, a novidade do papel das mídias, agora interativas. A capilaridade alcançada possibilita aos grandes conglomerados de comunicação, hegemonicamente imperialistas e dominados pelos americanos, a produção de conteúdos que de certa forma devolve ao cidadão comum algum poder de luta através da opinião. Guerra híbrida desenvolvida pela posse de corações e mentes que vem se aperfeiçoando desde as revoluções coloridas, passando pelas estratégias de lawfare que na América Latina tiveram tanto êxito em época recente. Se o indivíduo pode pouco, sua opinião é munição estrutural na disputa pela guerra cultural. É o papel das mídias, dos formadores de opinião. Pensadores e intelectuais com espaço na comunicação social são induzidos a produzir imagens de pensamento que, muito embora encharcados de intenções pacifistas, só alimentam a infantilização da reflexão reduzindo a complexidade das questões envolvidas a um raciocínio onde bem e mal se opõe, onde o espetáculo de heroização de um se contrapõe a demonização do outro.

Na grande mídia, nas redes sociais, enxurradas de fotos, imagens, vídeos, hordas de refugiados em desespero, construções cenográficas, entrevistas, reportagens, passam a se constituir em produtos de grande consumo. Neste sentido, novamente a guerra atual aproxima-se da Primeira, a de 1914-1918: de novo aqui, as populações sacrificam-se convictamente pelas bandeiras, de mesma e singular matriz e só que com diferentes proprietários.

A Mãe Coragem agora em fé messiânica, segue no campo de batalha, logo, logo órfã de filhos, mas ainda assim mercadejando.



A TI CORAGEM Escrita de Guerra

O texto base de *Ti Coragem & Filhos Lda.* está ancorado na tradução de António Sousa Ribeiro para a obra de Bertolt Brecht. O dramaturgo Jorge Louraço Figueira, colabora como adaptador e dramaturgista da cena.

As ideias a serem desenvolvidas para essa adaptação passam muito mais pela adequação das circunstâncias que possam situá-las na contemporaneidade, ou seja, das condições geopolíticas e, evidentemente das próprias personagens. Isto, pretendemos nós, sem prejuízo da linguagem ou da própria equivalência da narrativa alegórica criada ainda pelo Brecht: o tempo do original está situado na Guerra dos Trinta Anos, uma das principais guerras religiosas da Europa, havendo a peça sido escrita em 1941 em plena escalada nazista sobre a Europa.

Há semelhanças e congruências com a grande guerra contemporânea.

Como ao Otelo de Shakespeare é atribuído o epíteto de a tragédia dos ciúmes, à obra prima de Brecht foi conferida a atemporalidade do mal. Tanto no primeiro, como no segundo caso, a questão de fundo refere a uma suposta ontologia do ser, uma imutabilidade metafísica que se quer colar como cânones metafísicos. O autor desmonta logo de cara essa justificativa religiosa: a guerra é um elemento estruturante do capitalismo e da vida em sociedade:

O SARGENTO Nota-se que faz tempo que aqui não há guerra. Assim, como é que pode haver moral, pergunto eu. A paz é um desleixo pegado, só a guerra é que traz a ordem. Quando há paz, a humanidade medra que só visto. É um regabofe geral com a gente e com o gado, como se nada fosse. Todos metem no bucho o que lhes apetece, um grande naco de queijo em pão branco, mais uma fatia de toucinho em cima do queijo. Ninguém sabe quantos homens jovens e quantos bons cavalos tem aquela cidade além, nunca ninguém contou. Já andei por sítios onde se calhar há setenta anos que não havia guerra, as pessoas ainda nem tinham nomes, não se conheciam a si próprias.

Só onde há guerra é que há listas e registos como deve ser, é que o calcado é enfardado e o cereal ensacado, é que as pessoas e o gado são bem contadinhos e levados dali, porque nesses sítios sabe-se: sem ordem, não há guerra!

O ENGAJADOR Tem toda a razão! O SARGENTO Como todas as coisas boas, também a guerra a princípio é um bocado complicado, pois está claro. Mas quando desabrocha, ganha resistência; e então as pessoas têm medo da paz, como os jogadores de dados têm medo de parar, porque assim vão ter de fazer contas ao que perderam. Mas primeiro receiam é a guerra. É uma coisa que não conhecem.

Mãe Coragem, na nossa leitura, consigna o trabalho precário, os êxodos trocados de “país em pais mais que de sapatos”, os refugiados, os nômades, os ciganos: os artistas.

A encenação tem isso como mote sem perder de vista a ironia com que o dramaturgo e o tradutor tratam um tema tão grave. *Ti Coragem & Filhos Lda.* não é uma tragédia: como bem quer o dramaturgo, trata-se de uma crônica de uma guerra que não cessa. Porque negócio, bom negócio.

MARCO ANTONIO RODRIGUES
Encenador





Portugal, 2024. Um grupo de especialistas do exército nacional, com a missão de assegurar o direito de todos a participar no esforço de guerra, e proporcionar o acesso de toda a gente à linha da frente, garantindo parte, claro, do respetivo soldo, procura carne para canhão.

O grupo é chefiado por um capitão, velho combatente da guerra colonial, e inclui homens que fizeram o tirocínio nas intervenções na ex-Jugoslávia. Os homens mostram o lado positivo da guerra, em especial como a micro-economia de guerra é o melhor modelo de desenvolvimento económico e social na atual conjuntura histórica, facilitando a integração na economia global, e promovem o acesso ao combate, incentivando as pessoas a criar a sua própria unidade, e várias unidades a constituírem um pelotão, mostrando como fazer para envolver a comunidade e o território no esforço de guerra, e trabalhar para a economia local.

Após a criação de dois ou três pelotões (25-60 pessoas) poderão formar a sua própria companhia e partir. A administração militar providenciará uma participação financeira de até 70% do investimento inicial,

fornecendo ainda veículos militares, armas de combate pessoal e munições conforme a dimensão da companhia. O fardamento deve cumprir as regras de funcionalidade e design da aliança militar; mas os projetos que usarem elementos gráficos da tradição regional serão valorizados. Por exemplo, na Póvoa de Varzim os pelotões formados incluem uma tradicional camisola poveira no uniforme, para enfrentar o inverno; a camisola pode ser adquirida online por qualquer civil, auxiliando o esforço de guerra e a economia local.

Um bom exemplo de parceria civil-militar é caso da conhecida empresa Ti Coragem, cuja tradição recuava aos anos 1940, e que foi precursora do empreendedorismo de guerra, reinventando processos nos anos 1970 e 1980, e assim antecipando as tendências de gestão. O grupo de militares mostra num power-point a trajetória de Ti Coragem, que começou o negócio com uma velha carrinha recuperada, com um projeto auto-sustentado de comércio de bens indispensáveis que no calor da batalha providenciava aos militares de ambos os lados tudo o que era necessário para garantir o seu bem-estar e sobrevivência, e, deste modo, a continuidade da guerra. Além disso, Ti Coragem vendia passaportes, salvo-condutos e vistos gold da melhor qualidade. Ajudada pelos filhos, pôde começar a ajudar as famílias que queriam afastar-se da linha da frente, adquirindo a preços justos o mobiliário, a roupa e até o bric-à-brac que os novos refugiados quisessem deixar para trás na partida para o exílio, levando fundos suficientes para chegar aos países vizinhos ou até ao novo mundo. Com o tempo, a sociedade Ti Coragem & Filhos, Lda. Arriscou investir no imobiliário, gerindo os terrenos, fábricas, casas e apartamentos dos que partiam. O negócio foi-se desenvolvendo aos poucos, tendo dado origem ao império que todos conhecem hoje em dia, e teve tal sucesso logo no início que de imediato os filhos foram recrutados pela administração militar, assumindo papéis de gestão e consultoria junto das forças armadas.

BIOGRAFIA DO AUTOR

Dramaturgo, poeta, romancista e ensaísta, nasce em Augsburg, Alemanha, a 10 de fevereiro de 1898.

Eugen Berthold Friedrich Brecht viria a tornar-se uma das mais importantes figuras do teatro do século XX e cedo começa a escrever os seus primeiros poemas, onde mostra uma aversão aos “falsos padrões” da arte e da vida burguesa, corroídas pela Primeira Guerra. Tal atitude reflete-se na sua primeira peça, o drama expressionista *Baal*, de 1918. Colabora com os diretores Max Reinhardt e Erwin Piscator. Em 1928, faz, com o compositor Kurt Weill, a Ópera de Três Vinténs. Durante este período, contacta profundamente com a teoria marxista e torna-se um teórico do teatro épico e do *Verfremdungseffekt* (ou V-effekt, i.e., o efeito de distanciamento). A ascensão do nazismo deixa-o sem país e em 1933 passa a viver em exílio em países como a Dinamarca ou os Estados Unidos da América, onde sobrevive a fazer trabalhos para Hollywood. Faz da crítica ao regime nazi e à guerra tema de obras como *Mãe Coragem e os Seus Filhos* (1939). Dos Estados Unidos, vítima da perseguição de Joseph McCarthy, parte para a Suíça em 1947, onde redige o *Pequeno Organon*, um sumário da sua teoria teatral. Volta à Alemanha em 1948. No ano seguinte, em Berlim Leste, funda com Helene Weigel a companhia Berliner Ensemble, ainda ativa nos dias que correm. Bertolt Brecht destaca-se ainda na poesia, com uma obra carregada de um forte conteúdo social.

O dramaturgo morre em Berlim, a 14 de agosto 1956.





FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

TRADUÇÃO António Sousa Ribeiro

DRAMATURGIA Jorge Louraço Figueira,
Marco Antonio Rodrigues

ENCENAÇÃO Marco Antonio Rodrigues

ELENCO Eva Tiago, Dinis Binnema, Hugo Inácio,
Isabel Craveiro, João Santos, Margarida Sousa
e Rui Damasceno

MÚSICOS Miguel Cordeiro, Ricardo Brito
e Victor Torpedo

DESENHO DE CENOGRAFIA Morgana Machado

DESENHO FIGURINOS Helena Guerreiro

DESENHO DE LUZ Jonathan de Azevedo

DIREÇÃO MUSICAL Victor Torpedo

PREPARAÇÃO VOCAL Diogo Figueiredo

GRAFISMO Studio And Paul

CABELEIREIRO Ilídio Design

FOTÓGRAFO Carlos Gomes, Mário Canelas,
Paulo Abrantes e Teresa Valente

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO Isabel Craveiro

DIREÇÃO DE CENA Afonso Abreu, Diogo Simões

CENOTÉCNICO Paul Yem

CONFECÇÃO FIGURINOS Albertina Vilela, Alda Clemente,
Fernanda Tomás, Lídia Mota e Renata Mottironi

OPERAÇÃO DE LUZ E SOM Diogo Figueiredo,
Jonathan Azevedo e Nuno Pompeu

CONSTRUÇÃO E MONTAGEM DE CENÁRIO José Baltazar,

Morgana Machado, Paul Yem

MONTAGEM LUZ E SOM Diogo Figueiredo,
Jonathan Azevedo e Nuno Pompeu

VÍDEO Bruno Simões e Ivan Lara

INTERPRETAÇÃO EM LGP Ana Carolina Pereira,
Gonçalo Castro, Joana Rocha, Mariana Redondo,
Margarida Gonçalves

(alunos 3º ano licenciatura em LGP da ESEC)

PRODUÇÃO EXECUTIVA Cátia Oliveira, Eva Tiago

FRENTE DE CASA Beatriz Guinapo, Clara Alves,
Isabel Batista, Filipe Gomes, Gabriela Martins,
Guilherme Curado, Hélder Carvalho, Inês Amaro,
Inês Alves, Laura Costa, Margarida Quadros,
Maria Paula Albuquerque, Maria José Silva,
Mariana Martins, Matilde Pereira, Sofia Rosado

COMUNICAÇÃO Luís Marujo, Margarida Sousa



NOTAS BIOGRÁFICAS

ANTÓNIO SOUSA RIBEIRO

António Sousa Ribeiro é professor catedrático aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Sociais. Ao longo da sua trajetória de docente e investigador, exerceu diversos cargos de direção, tanto na Faculdade de Letras como no CES. Publicou extensamente sobre temas de literatura de expressão alemã (com especial incidência em Karl Kraus e na modernidade vienense), literatura comparada, estudos culturais, estudos pós-coloniais, estudos de memória e Westudos sobre a violência. Dedicou-se também à tradução literária, tendo-lhe sido atribuído o Prémio Nacional de Tradução 2017 pela tradução portuguesa de “Os Últimos Dias da Humanidade”, de Karl Kraus.

CÁTIA OLIVEIRA

Licenciatura de Direção de Cena e Produção Teatral na Escola Superior de Música Artes e Espetáculo. Participou como coorganizadora da 3ª Edição do Festival SET (Semana Escolas de Teatro), desempenhando funções de produção e de direção de cena. Em formação, trabalhou com os encenadores Howard Gayton e Geoff Beale, João Mota, Nuno Cardoso, e Fernando Mora Ramos, desempenhando funções de diretora de cena, de produção e contrarregra. Em 2011, colaborou ainda com a companhia Limite Zero, como produtora. Atualmente, integra a equipa do Teatrão, onde coordena a gestão da equipa a administração, onde assume a direção de produção de espetáculos da companhia e do Projeto Pedagógico, Projetos de Intervenção na comunidade e a direção de cena de espetáculos da companhia e em nos acolhimentos. Coordena, ainda, a produção da Rede Artéria, no âmbito regional. Como produtora, destaca o trabalho com os seguintes encenadores: Isabel Craveiro, Antonio Mercado, Antonio Fonseca, Ricardo Correia, Joana Mattei e Marco Antonio Rodrigues, entre outros.

DINIS BINNEMA

Licenciado em Teatro e Educação pela Escola Superior de Educação de Coimbra em 2015, desde 2014 que é ator e um dos fundadores da Companhia Três Irmãos. É também, desde 2017, ator, produtor e figurinista do projeto “Eça Agora!”, ainda em circulação. Em 2015 foi ator na peça “Histórias do Senhor Ninguém”, encenada pelo encenador brasileiro Marco Antonio Rodrigues, em coprodução com o Teatrão e em 2016 participou em peças de teatro com as companhias de teatro o Teatrão (“D. Quixote de Coimbra”) e a Trincheira Teatro (“À Direita de Deus Pai”). Desde 2021 que colabora com a Companhia Profissional Caixa de Palco (Mealhada) onde integrou o projeto Terra Queimada - Invasão e Resistência, com a Companhia de Teatro Leirena (Leiria) nas encenações para o Festival de Teatro de Rua de Porto de Mós e com A Bolha – Teatro com Marionetas (Torres Vedras) onde participa nos espetáculos “S. Gonçalo de Lagos” e “Formoscópio”, ambos em circulação.”

DIOGO SIMÕES

Licenciado em Teatro e Educação pela Escola Superior de Educação de Coimbra (2021). Ao abrigo do programa Erasmus, estudou na Escuela Superior de Arte Dramático de Múrcia (2019/2020). Integrou o Serviço Educativo das Classes d’O Teatrão como aluno desde 2015, tendo participado nos seguintes projetos: ATALHOS, de Joana Craveiro para o projeto PANOS (2017); ROMEU E JULIETA , de William Shakespeare (2018); e o projeto artístico e comunitário DE PORTAS ABERTAS (2020). Integrou a Direção de Cena do espetáculo DA FAMÍLIA, de Valério Romão (2021). Realizou um estágio profissional n’O Teatrão, tendo participado como ator no seguintes espetáculos: “Viajantes do Tempo” e “Cantos das Pedras”, no âmbito do projeto intermunicipal Marcos Históricos - Romanização (2022); “Os cadáveres são bons para esconder minas”, de Jorge Palinhos (2022-2023). Professor das Classes de Teatro d’O Teatrão e das IPSS

no projeto “Teatro e Memória”, inserido no programa P’rós Grandes (2022-2023). Atualmente é ator e professor de teatro.

EVA TIAGO

Licenciatura em Teatro e Educação (2022), pela Escola Superior de Educação de Coimbra. Ao longo do seu percurso trabalhou com Isabel Lopes, Pedro Lamas, Ricardo Correia e Rodrigo Fischer (ESEC); Alexandre Oliveira (Teatro Loucomotiva; Trincheira Teatro); João Paiva, Hugo Inácio e Telmo Ferreira (Trincheira Teatro). Em 2017, com a Trincheira Teatro, integrou o projeto de investigação de dois anos de João Paiva, Alexandre Oliveira e Bárbara Queirós a partir do exercício de improvisação, “Campo de Visão”, de Marcello Lazaratto. Com o Teatro Loucomotiva, em 2019, fez parte do elenco de Mutável, a partir do conto O Urso de Anton Tchekhov, e em 2020 de A Tempestade, de William Shakespeare, ambos sob a direção de Alexandre Oliveira. Em 2021 e com a Trincheira Teatro, integrou o elenco de Os Gigantes da Montanha, com encenação de Hugo Inácio e Telmo Ferreira. No terceiro ano do curso (2021/2022), fez parte do elenco do Projeto de Intervenção CABARET TROIA, a partir de As Troianas, de Eurípides, sob a direção de Pedro Lamas e do Estágio Frank, um deus para o jantar (dramaturgia coletiva), sob a direção de Rodrigo Fischer (ambas produções da ESEC em coprodução com O Teatrão). Em 2022 torna-se sócia júnior da Trincheira Teatro (Coimbra). É, desde fevereiro de 2023, estagiária do Teatrão. Em 2023 integra o elenco de REVOLUTION (Título Provisório), uma cocriação entre ASTA, Baal17, d’Orfeu e Teatrão, com encenação de Gonçalo Guerreiro.

HELENA GUERREIRO

Natural de São Miguel, Açores, vive e trabalha no Porto. Investigadora e criadora no âmbito das artes plásticas e visuais, das artes performativas e da música. Docente e designer nas áreas do desenho de figurino e da cenografia. Como investigadora, no programa de doutoramento: ‘Arte Contemporânea, Creación e Investigación’, da Faculdade de Belas Artes de Pontevedra,

concluiu o Diploma de Estudos Avançados (DEA), em 2008. Obteve o reconhecimento de grau de Mestre, pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE), em 2012. Licenciada em Teatro – Variante Figurino, pela ESMAE (2000-2004). Fez o curso de Design de Moda, na Escola Artística e Profissional Árvore (1997 e 1999) tendo participado em diversos desfiles e concursos, nacionais e internacionais, entre 1997 e 2000, com atelier em nome próprio. É docente do curso de Teatro da Escola Superior Artística do Porto (ESAP) desde 2003, até à data, nas áreas do figurino e da caracterização/efeitos especiais. Foi docente na ESMAE, entre 2004 e 2013, no curso de Design de Figurino. Já leccionou em várias instituições de ensino artístico, como a Escola Superior Artística de Guimarães (ESAG), no mestrado de Cenografia, ou o Ballet Teatro, no Porto. Participou em produções nacionais e internacionais de teatro, ópera e cinema, com os seguintes encenadores e realizadores: André Paes Leme (BR) Albano Jerónimo (PT) António Durães (PT) Corina Manara (NL) Fernando Moreira (PT) Isabel Craveiro (PT) Jorge Louraço Figueira (PT) Julio Castronuovo (AR) Marco António Rodrigues (BR) Mietta Corli (IT) Nelson Baskerville (BR) Nuno M. Cardoso (PT), Paulo Rocha (PT), Paulo Zé Neto (PT) Patrick Murys (BO), Pedro Alves (PT) Roberto Merino (CL) Simoni Boer (BR) (entre outros). Na música participou como vocalista em projectos que vão desde o rock à música electrónica e música experimental/improvisada, com, Alexandre Soares, Alberto Lopes, Ellen Fullman, Gustavo Costa, Henrique Fernandes, Luis Lumini, Nicholas Bussmann, Peixe, Rui Lima, Sérgio Martins, Ute Wassermann, Vítor Rua (entre outros).

HUGO INÁCIO

Nasceu a 7 de Setembro de 1991 na Amadora, licenciado em Teatro e Educação na E.S.E.C. Complementou a sua formação em workshops de teatro físico em Veneza, Berlim e Madrid. Na sua atividade como docente, leciona no Curso Profissional de Intérprete Ator/Atriz, em Coimbra. Como ator trabalhou com António Fonseca, António Mercado, Fabrizio Paladin, Ricardo

Correia, Gonçalo Amorim, Sónia Barbosa, Mário Montenegro, Pedro Lamas, Marco Antonio Rodrigues e Igor Lebreaud. Como criador destaca os espetáculos “Caminho Marítimo Para a Desgraça”, estreado no Teatrão, sobre o lado mais sombrio e tragicómico dos “descobrimentos”, “I.L.H.A”, espetáculo físico, sobre a crescente polarização de opiniões.

Criou o projeto “Teatro nos Olivais”, vencedor no âmbito da 3ª edição do Orçamento Participativo de Coimbra que deu origem ao espetáculo “Os Gigantes da Montanha”, de Pirandello, que dirigiu com Telmo Ferreira.

Como encenador destaca “O Inspetor Geral”, de Nikolai Gogol com produção do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, espetáculo vencedor do prémio público da 26ª edição do ciclo de Teatro Universitário da Beira Interior, e “Rei Ubu” de Alfred Jarry com produção do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra.

ISABEL CRAVEIRO

Encenadora, atriz, pedagoga, diretora artística do Teatrão (T), onde assume a coordenação das seguintes áreas: programação da Oficina Municipal do Teatro (OMT); mediação de públicos e projeto pedagógico (PP); projetos de intervenção comunitária; projetos de acompanhamento de companhias amadoras; Rede Artéria. Na sua formação, passou pelo TEUC, pelo Curso Livre de Interpretação da Escola Superior de Educação de Coimbra, com Antonio Mercado, tendo-se licenciado em Teatro e Educação, nessa mesma escola. Participou no seminário Teatro em Contextos Especiais, com Dragan Klaic, dois Cursos Livres de Interpretação, do sistema de Stanislavski, ministrados por Valentin Teplyakov, (Academia Teatral de Moscovo) e os Cursos Livres de Cenografia I e II, com o cenógrafo José Dias, entre outros. Na encenação, destaca-se a assistência a João Mota em O efeito dos raios gama nas margaridas do campo. Encenou, entre outros, D. Quixote de Coimbra, Punk Rock, Sophia, O Doente Imaginário, A Grande Emissão do Mundo Português, Romeu e Julieta. Coordenou e encenou diversos projetos de teatro

e comunidade. Como atriz, integrou vários espetáculos, trabalhando com encenadores como Rogério de Carvalho, Marco Antonio Rodrigues, Patrick Murys, Ricardo Vaz Trindade, entre outros. Enquanto programadora, é responsável pelo acolhimento de projetos, quer emergentes, quer consagrados, nacionais e internacionais, de várias áreas artísticas e para todas as idades. Destaca a parceria criada com festivais como FITEI ou o Festival de Almada. Coordenou artisticamente a Mostra São Palco, que acolheu projetos de São Paulo. Coordenou a realizações de vários seminários, masterclasses, ciclos de conversas. Convidada por inúmeras entidades nacionais e estrangeiras para apresentar o projeto do T, destacando o II Fórum Internacional de Cidades Antigas, da UNESCO (Rússia); Cultural Footprint Program, Oslo, MEXE, Encontro Internacional de Arte e Comunidade; Arte com todos? (Gulbenkian), entre outros.

JOÃO SANTOS

Mestre em Gestão e Estudos da Cultura - Gestão Cultural, pelo ISCTE-IUL (19 valores, nota final), sendo o seu estudo direcionado para as áreas do teatro no espaço público. Integra a direção do Teatrão e é responsável pela gestão da companhia. A formação em artes performativas foi desenvolvida no projeto pedagógico (PP) do Teatrão, complementada por oficinas e masterclasses com artistas nacionais e internacionais (encenadores, atores, coreógrafos), tais como Antonio Mercado, Marco Antonio Rodrigues, Dagoberto Feliz, João Brites, Marcelo Evelin, António Fonseca, Vera Mantero, Ricardo Neves-Neves, Marina Nabais, Joana Von Mayer Trindade, Hugo Calhim Cristóvão, Rachel Chavkin, Alex Cassal. Em 2013, passa a integrar a equipa da companhia como ator e pedagogo no seu PP, dando aulas de teatro e expressão dramática a crianças, jovens adultos e seniores. Como ator, faz parte do elenco fixo da companhia, destacando o trabalho desenvolvido com Marco Antonio Rodrigues, Isabel Craveiro, Joana Mattei, Patrick Murys e Jorge Louraço Figueira. No PP, foi também assistente de Isabel Craveiro em “Romeu e Julieta”, “O Doente Imaginário” e “Punk

Rock". Dirigi "Atalhos", no âmbito do Projeto PANOS, da Culturgest. Coordenou o intercâmbio internacional Internacional "Arrivals and Departures" (2017), com jovens do projeto Bando à Parte (do T), da AMAT (Associazione Marchigiana Attivita Teatrali, de Itália) e do Tallaght Community Arts (da Irlanda). Coordena, no Teatrão, o projeto A MEU VER, apoiando pelo programa Partis & Arts for Change.

JONATHAN AZEVEDO

Nasceu em Connecticut (Estados Unidos da América), e formou-se como ator, em 2001, na Universidade de Vermont. Ainda em 2001, veio para Portugal desenvolver trabalho na área da iluminação de espetáculos de teatro. Trabalhou, desde então, com encenadores como João Mota, Marco Antonio Rodrigues, Antonio Mercado, Ricardo Correia, Leonor Barata, entre outros. Em 2011, concluiu o Mestrado de Teatro em Design de Luz na Escola Superior de Música e Artes de Espetáculo. Pertence ao corpo docente da Escola Superior de Educação de Coimbra, onde leciona a disciplina de Técnicas de Cena, do curso de Teatro e Educação. Integrou a equipa técnica do Convento São Francisco. Desde 2007 que colabora com o Teatrão, onde assinou desenhos de luz de produções várias até ao momento. Atualmente é diretor técnico do Teatrão, coordenando a área técnica, quer nas criações do teatrão quer dos acolhimentos, responsável ainda pela manutenção e aquisição dos equipamentos de palco e técnicos. Nos anos 2012 e 2013, fez parte da equipa portuguesa do Projeto Internacional École de Maitres (Teatro Académico Gil Vicente), como Diretor Técnico.

LUÍS MARUJO

Luís Marujo nasce em 1996, em Coimbra. A cidade dos estudantes sempre lhe soube a pouco e, portanto, acabou por completar o 3º ano da licenciatura de Jornalismo e Comunicação em Lisboa. Aí, teve oportunidade de experimentar a comunicação cultural e, desde então, tem dado os seus passos em várias manifestações da intersecção entre a comunicação e a cultura: dirigente de projetos, investigador,

gestor de redes, locutor de rádio, assessor, agente. Passou pelo gabinete de comunicação da Culturgest, sob a coordenação de Vítor Bruno Pereira e onde trabalhou com Delfim Sardo. De regresso a Coimbra, completou o curso de locução e realização da Rádio Universidade de Coimbra, onde ainda é ativo como locutor, curador, gestor de redes sociais e produtor de eventos. Colaborou em regime freelance com o Colectivo Casa Amarela, nos projetos "Island Fever" e "Modernidade Líquida" e, mais para trás, integrou durante vários anos a equipa de redação do Altamont. Em 2019, rumou a Amesterdão, onde completou o primeiro ano do Mestrado de Comparative Arts and Media Studies da VU Amsterdam e onde teve oportunidade de trabalhar em diversos projetos de investigação, nomeadamente numa colaboração entre a Wikipedia NL e o LIMA – Instituto de Media Art, com a coordenação da professora e investigadora Katja Kwastek. Trabalhou também de perto com Hans Fidom, professor e diretor do Orgelpark, no âmbito da cadeira de Sound Heritage. Contou ainda com uma breve passagem pela VU Campusradio. O primeiro confinamento da pandemia Covid-19 trouxe-o de volta a Portugal, onde, desde então, trabalhou na comunicação do CEIS20 – UC e estagiou no departamento de agenciamento da Sons Em Trânsito. Em fevereiro de 2023, integra a equipa do Teatrão como profissional de comunicação.

MARGARIDA SOUSA

Licenciatura em Comunicação Organizacional pela Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC). Curso Livre de Interpretação com Antonio Mercado. Licenciatura em Teatro e Educação pela ESEC. Integra a equipa do Teatrão (T), onde exerce funções como membro da direção, atriz e pedagoga. Responsável pela área da comunicação da companhia, assumindo a coordenação de: desenho e implementação dos Planos de Comunicação das várias atividades; a Assessoria de Imprensa e angariação de media partners; a criação da imagem gráfica; o acolhimento de estágios nesta área; a gestão de conteúdos do site e Redes Sociais, a relação com

parceiros de divulgação e angariação de apoios. Como atriz, já integrou 30 criações do T, quer a partir de dramaturgia universal, quer a partir de textos originais, quer explorando outras linguagens artísticas, em processos partilhados por toda a equipa artística e destinadas a públicos variados. Em paralelo, integra a equipa artística dos projetos de intervenção comunitária, onde assume a codireção de espetáculos. Trabalhou com os encenadores Corrina Manara, Marco Antonio Rodrigues, João Mota, António Fonseca, Nuno Pino Custódio, Ricardo Vaz, Patrick Murys, Antonio Mercado, Isabel Craveiro, Ricardo Correia, Alex Cassal, entre outros. No plano formativo, destaca “Teatro do Gesto”, com Norman Taylor, Os Fundamentos do método de Stanislaski, com Valentim Tepliakov, decano da Academia Teatral de Moscovo; Contacto-improvisação, com Marina Nabais, Devising Dentro de uma Democracia, com a companhia nova-iorquina The TEAM, Casa Aberta, incluindo oito masterclass com artistas de várias áreas das artes performativas, Consciência do Ator, formação coordenada por João Brites. No projeto pedagógico do T assinou a coencenação de várias criações, destacando três projetos PANOS, organizados pelo TNDMII, e a encenação de textos de Lorca, Sophia de Mello Breyner e Sartre.

MARCO ANTÓNIO RODRIGUES

Encenador teatral, foi fundador e diretor artístico do Folias, coletivo teatral de São Paulo, Brasil. - e editor da revista “Caderno do Folias”. Colabora como encenador também, com “O Teatrão”, coletivo teatral sediado em Coimbra. Tem especialização no Sistema Stanislavski pela Academia Russa de Arte Teatral – Moscou. Como colaborador atuou como professor-encenador da Escola Superior de Artes Célia Helena e do Teatro-escola Célia Helena, uma das mais antigas escolas do Brasil. Atuou também como professor-encenador do Curso de Teatro da Escola Superior de Educação em Coimbra, e da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto, ambas em Portugal. Realizou mais de cinquenta encenações ao longo da carreira. Entre seus últimos trabalhos a direção cénica da ópera-documentário “Guarani

em Chamas” para o Theatro Municipal de São Paulo, a encenação de “Erendira, a Incrível e Triste História de Candida Erendira e sua Avó Desalmada” dramaturgia de Claudia Barral para o conto de Gabriel Garcia Marquez, no Teatro popular do SESI, “Richard’s” dramaturgia de Jorge Louraço para o Ricardo III de Shakespeare, “Ala de Criados”, de Mauricio Kartun, e “da Família” as três últimas no Teatrão, Coimbra, Portugal. Em cartaz, em São Paulo, “Hamlet, 16x8”, dramaturgia dele e de Rogério Bandeira, “Noel, um musical”, de Plínio Marcos e “Gagarin Way”, de Gregory Burke. Em seu currículo constam os Prêmios Shell, Mambembe, APCA, Molière, Prêmio Villanueva, da crítica cubana, entre outros, além de numerosas indicações.

MIGUEL CORDEIRO

Miguel Cordeiro, multi-instrumentista natural de Tondela começa a ter aulas de guitarra na escola de música local aos 12 anos. Mais tarde, com 17 anos, ingressa no Curso Profissional de Jazz do Conservatório de Música da Jobra, que conclui em 2015. Dois anos depois iniciou a sua formação superior, desta vez na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no curso de Estudos Artísticos. Desde 2015 que colabora ativamente com a ACERT, na criação de diversos espetáculos de teatro e de música. Atualmente integra os projetos Victor Torpedo and The Pop Kids, Nevoeiro, Giant Surfers, Wakadelics, entre outros. Possui também um projeto de canções em nome próprio, com um disco editado em 2022.

MORGANA MARQUES

Morgana Machado Marques (Lisboa 1982) é uma artista plástica que trabalha em todo o mundo, em vários media. A sua obra inclui Cenografia, Figurinos e Vídeo Artista para Ópera, Teatro, Cinema e Arquitetura Sitio-specifico. Licenciou-se em 2008 como European Media Masters of Arts em Digital Video Design na School of Visual Arts em Utrecht, Holanda. Em 2016, ganhou o prémio holandês Zilveren Krekel para a performance de palco mais impressionante pela cenografia de “Wij gaan op Berenjacht” e, em 2018, ganhou o prémio

holandês Gouden Krekel para a produção juvenil mais impressionante “Princess”. Entre outros, colaborou com a Ópera Nacional Holandesa, a Ópera Silbersee, o Teatro Sonnevank, o Toneelgroep Oostpool, o Het Nieuw Utrechts Toneel, o Toneelmakerij, GRIP, Teatrão, Marionet. Também dá aulas no departamento de Cenografia da Academia de Teatro e Dança da Universidade de Artes de Amesterdão.

NUNO POMPEU

Licenciatura de Som e Imagem pela Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha. Em 2018 integra a companhia Teatrão, exercendo funções como operador de som e sonoplasta. É responsável técnico do GEFAC – Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra - desde dezembro de 2018. Foi coordenador da RUC – Rádio Universidade Coimbra – de maio de 2019 a janeiro de 2020. Desenvolveu várias instalações sonoras, incluindo Sardinhas Bordalo Pinheiro, premiada no concurso para Instalação no La Vie Caldas da Rainha. Para além de trabalho de gravação, produção e masterização, tanto audiovisuais como musicais, tem uma carteira de mais de cem espetáculos ao vivo realizados entre 2016 e 2019.

PAUL HARDMAN

Designer gráfico britânico sediado em Coimbra, Portugal. Estudou artes gráficas em Liverpool Art School (JMU), tem mestrado em Design Gráfico pela Camberwell College of Arts de Londres (UAL) e doutoramento em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. A sua obra abrange a comunicação editorial e design de identidade em diversos projetos para cultura, publicação/edição e arquitetura. Os seus projetos combinam a funcionalidade com a experimentação baseada no processo. Utiliza frequentemente o desenho, fotografia e criação de imagem no seu design. É Professor Auxiliar Convidado no curso de Design e Multimédia da Universidade de Coimbra. Em 2016, ilustrou o livro “Palavras Viageiras”, de João Pedro Mésseder, e fez o seu primeiro livro infantil, “A Almoçarada”, de Billy Bolly, ambos editados por Xerefé.

Atualmente gera a empresa Studio And Paul. É responsável pela identidade gráfica do Teatrão desde 2016.

RICARDO BRITO

Ricardo Brito, baterista natural de Cebolais de Cima começa os seus estudos musicais na Associação Filarmónica Retaxense em 2013. Em 2014 ingressa no Conservatório Regional de Castelo Branco na Classe de Percussão, tendo terminado o 8º grau em 2018. Desde então tem colaborado com big bands, orquestras e bandas como: Orquestra Sinfónica do Conservatório Regional de Castelo Branco, Wakadelics, Fugly, Black Box, Parkinsons, Pespakova, Victor Torpedo & The Pop Kids, Alien Church, Pussy Lickers, Lazy Eye Society, Aurora Brava, Paradigma, entre outros. Em 2019 participou na peça Richard's pel'O Teatrão.

RUI DAMASCENO

Tipógrafo encartado.
Como ator profissional: António Augusto Barros na peça “Acto Cultural” de José Ignacio Cabrujas (Escola da Noite, 2001) e Fernando Mora Ramos na produção “Burlesco”, baseado em Karl Valentim e Eduardo de Filippo (Teatro da Rainha/Teatrão, 2002), Rogério de Carvalho na peça “O Cerejal” de Anton Tchekhov (A Escola da Noite, 2004). peça “60 minutos com Brecht”, inspirada em Bertolt Brecht, dirigida por Clovis Levi (2005) e “Hysteria”, de Terry Johnson, com encenação de José Geraldo (produções de Margarida Mendes Silva).

Além do teatro profissional, ele também participou em produções não profissionais com o Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC). Neste grupo, trabalhou com Geraldo Tuché na peça “O Império do Oriente” de Jorge de Sena (1979) e com Mário Barradas em “D. Duardos” de Gil Vicente (1982), «Fausto», a partir de Goethe e outros autores, encenação de Andrezej Kowalski (1990).

Membro ativo da Cooperativa Bonifrates desde 1988: “O Combate entre D. Carnaval e a D. Quaresma”, com encenação de João Maria André (1989) e “Rei Ubu” de Alfred Jarry, dirigido

por Muriel Anastaze (1992), «A Pesca», a partir de Bertolt Brecht, encenação de João Paulo Janicas (2006);

Participações no cinema e televisão: “Hors Saison” de Daniel Schmid (1992) e “Quase” de Francisco Manso (1994). TV: telenovela “O teu olhar” da Casa da Criação (2003-2004).

VICTOR TORPEDO

Victor Torpedo já é um nome incontornável da música portuguesa e do Universo artístico nacional. A história do músico acaba por se confundir com a história de algumas das bandas mais importantes que assolaram o panorama da música moderna tanto em Portugal como fora dele. Dos Tédio Boys aos The Parkinsons, dos Blood Safari aos Tiguana Bibles, passando por 77 e Subway Riders, Objetos Perdidos, foram inúmeros os projetos que Victor Torpedo abraçou. A sua última aventura a solo (com o seu Karaoke Show ou acompanhado com os seus Pop Kids) é praticamente uma mash up multimédia, uma explosão DIY da sua individualidade. A sua história está de alguma forma marcada em cada uma das suas guitarras que o acompanharam durante todos estes anos, as suas marcas ditam a idade e a história da sua persona. A única coisa que nos vem à cabeça é o amor que sempre teve pela música e pela arte nas suas mais diversas formas. Talvez menos conhecidas serão as suas viagens a outras galáxias artísticas em que vagueia, que incluem a video art, a performance art, o teatro, a fotografia, a collage, e, principalmente, a pintura. Ao mesmo tempo que cavalgava no mundo da música esteve sempre de braços dados com o mundo da arte em quase todas as suas variantes, na escrita, mas, principalmente, na pintura e no design gráfico. Tendo experimentado em vários formatos, vertentes do meu mundo mixed media. Ficam aqui alguns momentos desse trajeto. Criador da corrente artística, denominada Accidentalismo. O Accidentalismo é um conceito estético-filosófico nascido dumha corrente artística envolvendo as artes plásticas, música, cinema, performance e literatura. Apesar de pequenos ensaios no final dos anos 80 e todos os 90, este conceito foi

oficialmente registado em 2000 pelo músico-pintor Victor Torpedo, durante a primeira fase da banda punk-rock The Parkinsons, sediada em Londres, Inglaterra, e da qual Victor foi fundador e guitarrista.

A dupla de pintores Sardine & Tobleroni (Victor Torpedo e Jay Rachsteiner) foram os primeiros artistas a nível mundial a declararem-se abertamente accidentalistas, admitindo que o conceito do Accidentalismo teve reflexos significativos tanto na estética plástica aplicada nas suas obras, bem como na forma de as conceber. Na pintura foi Sardine, parte sólida do duo artístico Sardine & Tobleroni. A superfície das suas obras eram divididas em duas metades de que o lado direito é pintado por Sardine e o lado esquerdo por Tobleroni. A dupla descreve a sua prática como conceptual art brut, o equivalente ao que punk é na música. Eles participaram num numeroso grupo de exposições individuais tanto no Reino Unido, Itália, Portugal e outros países. Eles fizeram parte de “Travelling Light”; na 53^a Bienal de Veneza, em 2009, e o seu show solo “We Love 77” estreou-se em Fevereiro de 2010, num espaço convertido especialmente para a exposição em Islington (Londres), com participações de Poli Styrene dos X-Ray Spex, Don Letts, e perto de 2000 visitantes. O seu último solo show “PoP Shots” realizou-se em novembro de 2010, e esse trabalho foi apresentado por WW Projetos em Arte na Art Fair de Londres 19-23 janeiro de 2011.

Novamente de pés assentes em terras lusas, Victor Torpedo não perdeu a motivação, a sua vontade de continuar a vaguear de forma marginal em todos estes microcosmos, a sua busca incessante pela verdade (se ela existir) e honestidade artística não esmoreceu. Um artista que compactua com o passado, abraça o presente e já tem saudades do futuro.



Condições de apresentação

1. Condições Financeiras

- O cachet do espetáculo é de **10.500 euros**. As deslocações de cenário e equipa serão da responsabilidade da Entidade de Acolhimento, de acordo com o plano de trabalho definido atempadamente entre a mesma e o Teatrão.
- O alojamento e alimentação serão da responsabilidade da Entidade de Acolhimento, de acordo com o plano de trabalho definido atempadamente entre a mesma e o Teatrão.

2. Legalidades

- A Entidade de Acolhimento deverá assegurar as devidas licenças relativas ao espaço de apresentação.

3. Condições logísticas

- Camarins conjuntos para 7 atores, 3 músicos e 2 diretores de cena, com WC, duche quente e espelhos.
- Refeição para 15 pessoas (7 atores + 3 músicos + 2 diretores de cena + 2 técnicos+ 1 encenador + 1 técnico de montagem).
- Alojamento para 15 pessoas (6 quartos twin + 1 single + 1 triple).
- Mesas de apoio adereços no backstage (7).
- Porta de carga com acesso direto ao palco e com, pelo menos 2,5 m de largura e 2 m de altura.
- Caso exista, serviço engomadeira ou possibilidade de engomar os figurinos antes da apresentação do espetáculo.



Media

FOTOGRAFIAS

disponíveis [aqui](#)

VÍDEOS

[Teaser principal](#)

[Um Empreendimento de Sucesso](#)

[Eros Coragem](#)

Vídeo integral do espetáculo disponível [aqui](#)
(password: TiCoragem2023)

RÁDIO

[Versão de teatro radiofónico \(Antena 2\)](#)



Comunicação Social

20 OUT
Expresso



CARLOS GOMES

TI CORAGEM & FILHOS LDA. **A partir de Bertolt Brecht**

Oficina Municipal de Teatro, Coimbra, até 12 de novembro

“Mãe Coragem e os Seus Filhos” estrutura-se a partir da guerra e da criação de estratégias de sobrevivência nessa guerra. O Teatrão produziu um espetáculo que rescreve a peça original num contexto atual — presente — e reconfigura, assim, a estrutura dramática, narrativa e temática do texto de Brecht. Dramaturgia de Jorge Louraço Figueira e encenação de Marco António Rodrigues.

18 SET

Antena 3, Domínio Público

<https://www.rtp.pt/play/p2813/e716093/dominio-publico-diarios>

<https://www.rtp.pt/play/p2813/e716106/dominio-publico-diarios>

<https://www.rtp.pt/play/p11234/e716168/dominio-publico-resumo-do-dia>

4 OUT

Lusa <https://www.lusa.pt/article/41613581>

Diário As Beiras <https://www.asbeiras.pt/2023/10/nova-criacao-do-teatralo-de-coimbra-aponta-o-dedo-a-guerra-de-todos-os-tempos/>

5 OUT

RUC <https://www.ruc.pt/noticia/2023/10/05/ti-coragem-e-filhos-lda-d-o-teatralo-interpela-portugueses-e-papel-dos-midias-nas-guerras-da-atualidade>

10 OUT

Sapo Mag <https://mag.sapo.pt/showbiz/artigos/ti-coragem-filhos-lda-peca-musicada-aponta-o-dedo-a-guerra-de-todos-os-tempos/>

11 OUT

Antena 2, Atrás da Máscara, 10:33-13:15 <https://www.rtp.pt/play/p509/e720756/atras-da-mascara>
RTP, Portugal em Direto, 16:33-20:33 <https://www.rtp.pt/play/p11143/e720885/portugal-em-direto/1183575>

12 OUT

Antena 3, Domínio Público <https://www.rtp.pt/play/p2813/e721051/dominio-publico-diarios>

Jornal de Notícias <https://www.jn.pt/5208805525/brecht-e-a-guerra-iniciam-comemoracoes-dos-30-anos-d-o-teatralo/>

13 OUT

Mutante <https://mutante.pt/2023/10/ti-coragem-filhos-lda-teatralo/>

Sábado <https://www.sabado.pt/gps/detalhe/nunca-mais-e-sabado-do-iminente-ao-folio-e-a-cerveja-artesanal-temos-12-ideias-para-o-seu-fim-de-semana>

14 OUT

Antena 3, Domínio Público, 45:07-50:25 <https://www.rtp.pt/play/p2023/e721414/dominio-publico>

17 OUT

Campeão das Províncias <https://www.campeaoprovincias.pt/noticia/teatralo-inicia-programa-de-actividades-paralelas-a-ti-coragem-filhos-lda>

24 OUT

Coffeepaste <https://www.coffeepaste.com/artigo/marco-antonio-rodrigues-sobre-ti-coragem-andamp-filhos-lda/>

27 OUT

RTP2, ESECtv <https://www.rtp.pt/play/p11296/e724256/esec-tv>

8 NOV

RTP3, Ensaio <https://www.rtp.pt/play/p12393/e727121/ensaio>

Antena 3, Domínio Público <https://www.rtp.pt/play/p2813/e727020/dominio-publico-diarios>



Necessidades técnicas Rider técnico

Espaço Cénico

Mínimo de 16.5m x 17m

Cenário

- 17 estruturas de ferro e chapa de alumínio. 2m x .65m x 2.30m
- 1 Carrinha Nissan Vanette sem motor.
- 3 Praticáveis à .40m para os músicos
- 1 Praticável à 1.60m
- 2 escadotes

Panejamento

Panejamento à Alemã com Fundo Negro.

Luz

31 – PC's de 1KW com Palas
02 – PC's de 2KW com Palas
11 – Fresnels de 1KW com Palas
16 – Recortes ZOOM 12/28 (Medium Zoom)
12 – Recortes ZOOM 20/40 (Wide Zoom)
01 – SourceFour Par com lente Wide
06 – SourceFour Par com lente Medium
05 – SourceFour Par com lente Narrow
05 – Solar Zoom RGBW
03 – Projetores de Cyclorama Assimétricos de 4 cellulas de 1KW

Cor

E8
E35
E202
R376
R119
(da responsabilidade da companhia)

Mesa de Luz

GrandMA2

Effects

Haze/Safex

Som

Distribuição de som

Sistema 4.1 (2 no chão e 2 voadas)

Instrumentos (BACKLINE)

Bateria
Baixo
Guitarra
Piano
synth
Pc Cordeiro
Braguesa
Melódica
Voz

Microfonia/Lista de Vias

| Vias | Instrumento | Microfone | Observações |
|------|-------------|---------------|---|
| 1 | Cord L | DI | |
| 2 | Cord R | DI | |
| 3 | VOX | Sm58 wireless | |
| 4 | BX | DI | |
| 5 | Piano H | T.Bone CC100 | |
| 6 | Piano L | T.Bone CC100 | |
| 7 | GEL | | Out do amp para a stage box |
| 8 | DRUM | T.Bone CC100 | |
| 9 | VOXDUP | | Duplicado da via 3 com efeito (envio direto para o SUB) |
| 10 | Passos | T.Bone CC100 | |
| 11 | Synth | DI | |

Mesa de Som

M32

S16

Cat 5

Controlador

Laptop

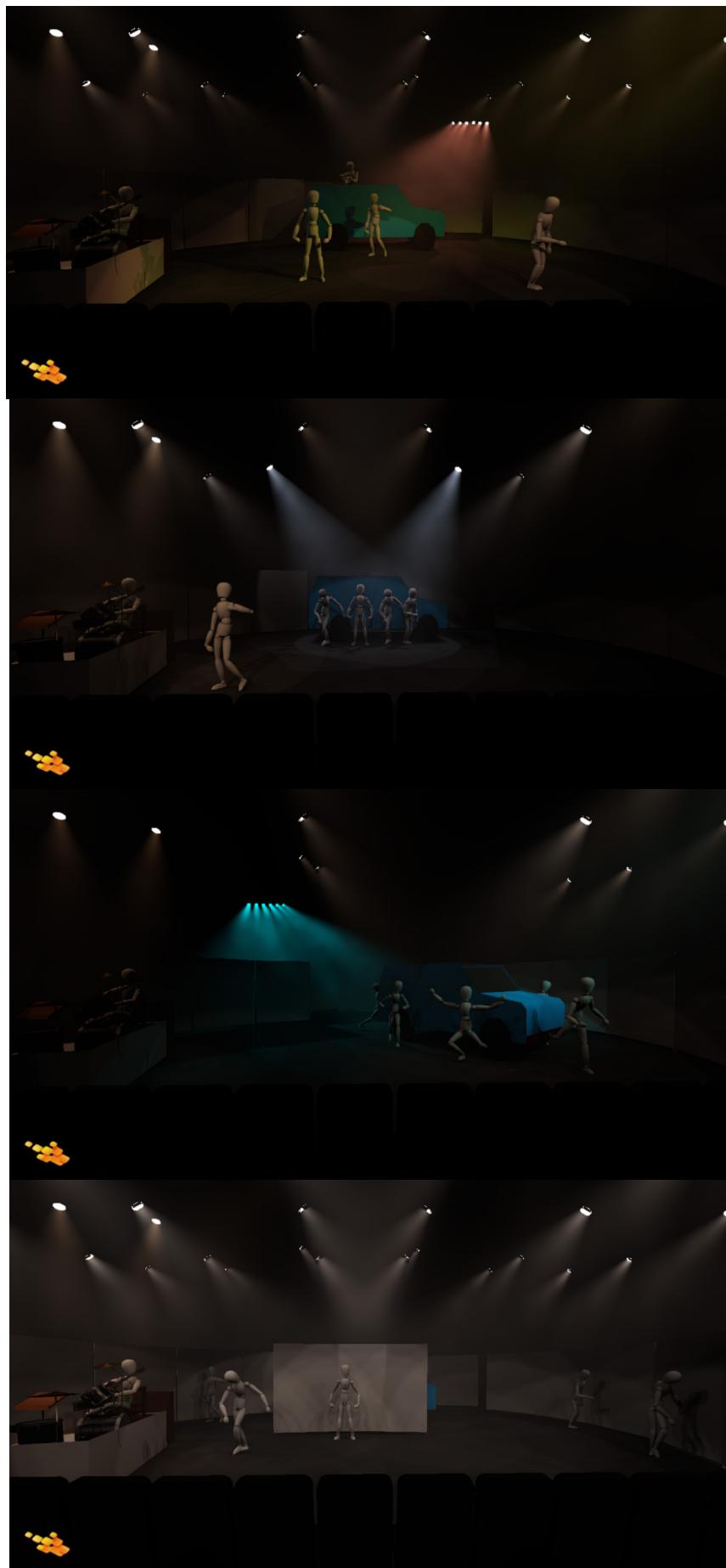
Akai pc mini

Notas

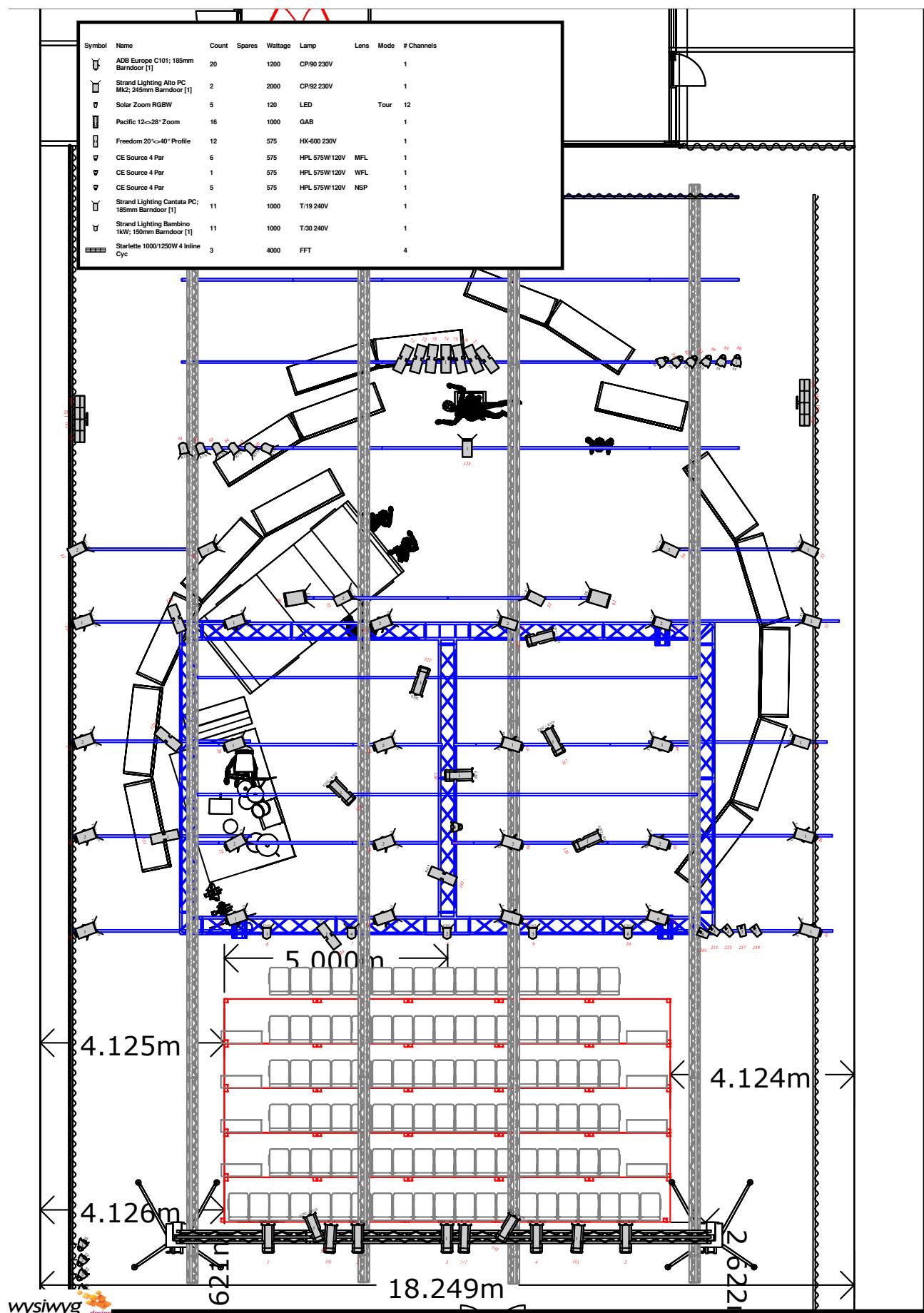
Utilização de Água no Palco



Implantação do cenário



Desenho de luz





CONTACTOS E INFORMAÇÕES

Oficina Municipal do Teatro

Rua Pedro Nunes, Qta da Nora 3030-199 Coimbra

239 714 013 (chamada para a rede fixa nacional)

916 265 015 (chamada para a rede móvel nacional)

producao@oteatralo.com

www.oteatralo.com